

Floripa do Samba - Carnaval 2026

Presidente - Christian Fonseca



Enredo - O Despontar da Ponte Hercílio Luz - Entre marés, travessias e memórias

Autores - Fernando Constâncio

Carnavalesco - Charlton Júnior

Justificativa

Para o Carnaval Virtual de 2026, a Floripa do Samba levará à passarela virtual um enredo de exaltação dedicado à Ponte Hercílio Luz, símbolo que marca a paisagem e a memória coletiva da cidade de Florianópolis, território que nossa escola orgulhosamente representa. Em 2026, a histórica estrutura metálica completa cem anos de existência, consolidando-se não apenas como um marco arquitetônico, mas como uma ponte de histórias, afetos e transformações que moldaram a capital catarinense.

A narrativa do enredo será conduzida pelo olhar e pela memória de um pescador, personagem profundamente ligado à cultura e à identidade da Ilha. Através de suas lembranças, acompanhamos o fluxo do tempo e as mudanças da cidade. É ele quem escuta histórias antigas, observa o movimento das marés e testemunha as transformações espaciais, sociais e urbanas que se intensificam com a construção da ponte.

A abertura do desfile mergulha no imaginário fantástico de Florianópolis, resgatando as narrativas míticas que povoam o folclore local. Bruxas, criaturas encantadas e seres marinhos surgem como guardiões simbólicos das águas e das paisagens onde, tempos depois, se ergueria a monumental estrutura da ponte. Nesse primeiro momento, o enredo celebra o universo mágico e ancestral que compõe a identidade cultural da Ilha. Em seguida, o desfile apresenta a íntima relação entre a cidade e o mar antes da construção da ponte. Durante séculos, a dinâmica da vida urbana de Florianópolis foi mediada pelas águas: canoas cruzavam a baía, pescadores moldavam o cotidiano das comunidades litorâneas e o mar funcionava como principal via de circulação, abastecimento e encontro entre a Ilha e o continente.

No setor seguinte, o enredo avança para o início do século XX e acompanha a chegada dos ventos da modernidade. Surge então a imponente Ponte Hercílio Luz, conhecida como a “Dama de Ferro”, uma obra monumental que transformaria profundamente a configuração urbana da cidade. Sua construção não apenas conectou fisicamente Ilha e continente, mas também inaugurou novas possibilidades de circulação, crescimento urbano e desenvolvimento econômico.

Com o passar das décadas, a ponte tornou-se um dos maiores símbolos de Florianópolis, eternizada nas artes, na música, na fotografia e em diversas representações culturais. Sua imagem ultrapassou a função de infraestrutura e passou a ocupar o imaginário afetivo da

população, tornando-se um verdadeiro ícone identitário da cidade. Na parte final do desfile, o enredo aborda a trajetória recente da ponte, marcada por seu longo período de fechamento e pelas mobilizações em torno de sua preservação. Após anos de restauração, sua reabertura em 2019 devolveu à cidade um espaço carregado de significado. Mais do que uma ligação física, a Ponte Hercílio Luz transformou-se em palco de encontros, celebrações e novas sociabilidades, reafirmando seu papel como patrimônio vivo da capital catarinense. Assim, ao celebrar o centenário da Ponte Hercílio Luz, a Floripa do Samba propõe um desfile que atravessa tempos, memórias e paisagens. Uma narrativa que conecta passado, presente e imaginação para homenagear a estrutura que, há cem anos, liga territórios, histórias e corações na cidade de Florianópolis.

Sinopse

Eu conto essa história como quem passou a vida olhando o mar. Sou pescador antigo dessas bandas, daqueles que saem antes do sol nascer e voltam quando o céu já se pinta de laranja. O mar, pra mim, nunca foi só água e sal. Ele sempre guardou segredo e quem vive dele aprende a escutar.

Dizem os mais antigos, e eu também acredito, que esse mar que hoje abraça a Ilha de Santa Catarina e sustenta aquela grande armação entrelaçada de ferro chamada Ponte Hercílio Luz já foi morada de muitos encantos. Não era só caminho de canoa e rede lançada. Era também a passagem de seres que vivem entre o mundo da gente e o mundo do mistério. Nas madrugadas de mar calmo, quando o oceano parecia espelho, muitos juravam ouvir o canto das sereias ondinas. Eu mesmo, certa vez, vi a água se mover sem vento algum, como se mãos invisíveis acariciassem as ondas. Diziam que eram elas, guardiãs da Ilha, protegendo estas terras de quem vinha com más intenções.

E quando a lua cheia subia redonda no céu, clareando tudo como uma lamparina, havia quem visse, lá no alto, as bruxas atravessando o firmamento, riscando o céu com suas vassouras. O povo dizia que elas bordavam à noite, costurando mistério nas nuvens e deixando a Ilha coberta de encanto. Mas em outras noites, dessas que a gente nunca esquece, surgia no céu uma luz de fogo cortando a escuridão. Era o Boitatá, serpente de clarão ardente, guardião dessas terras. Seu rastro iluminava o horizonte como se anunciasse mudança. Como se dissesse, lá do alto: novos tempos estão chegando.

E foi assim, entre histórias de pescador e lendas sopradas pelo vento do mar, que a cidade começou a mudar.

Eu ainda não era nascido, mas meu avô contava como era no tempo em que esta terra se chamava Nossa Senhora do Desterro. Era uma cidade pequena, abraçada pelo mar por todos os lados. O porto vivia cheio de movimento: canoas chegando, gente desembarcando, peixe fresco, mandioca, frutas... As quitandeiras gritavam suas mercadorias enquanto mascates atravessavam as ruas oferecendo de tudo um pouco. Naquele tempo não existia ponte nenhuma. Quem queria ir ao continente dependia da maré, da coragem e do braço forte. Tudo acontecia sobre as águas: gente que ia, gente que vinha, comércio que chegava e partia.

Nas noites de lua cheia, quando a maré baixava e o mar ficava manso, acontecia uma das cenas mais curiosas que meu avô já viu: bois atravessando o canal a nado. Vinham do continente para abastecer os engenhos e o comércio da Ilha. Era um cortejo lento, silencioso, apenas o som das águas abrindo caminho para aqueles animais passarem.

Assim, entre redes lançadas, velas içadas e marés que nunca param, a cidade atravessou o século XIX e entrou no século XX, um tempo que prometia inovações e modernidade.

A República ainda era novidade no Brasil, e por aqui o povo começava a falar em progresso. Diziam que a cidade precisava mudar: trazer água encanada, luz elétrica, melhorar as ruas, reorganizar a vida urbana, o abastecimento era difícil, tudo dependia da travessia pelo mar. Foi nesse tempo que começaram também as disputas políticas. Muitos políticos do interior do estado, principalmente da região de Lages, defendiam que a capital deveria sair da Ilha. Diziam que lá era mais moderno e mais preparado.

Mas foi então que surgiu um homem decidido a mudar esse destino: Hercílio Luz. Ele acreditava que a Ilha não poderia viver isolada. Que o futuro de Santa Catarina passava por ligar aquelas terras ao continente. E assim nasceu a ideia que parecia loucura para muita gente: construir uma ponte gigantesca atravessando o mar.

Meu avô contava que grandes navios começaram a aparecer no horizonte, trazendo enormes peças de aço vindas dos Estados Unidos. Era coisa que o povo nunca tinha visto. Pareciam montanhas de ferro chegando pelo oceano. Os operários trabalharam duro, enfrentando vento, chuva e o balanço do mar. Foram anos de suor até que, finalmente, numa quinta-feira chuvosa de 13 de maio, a ponte foi inaugurada.

Gente de toda a Ilha veio ver aquele milagre de ferro atravessando o mar. Muitos que não tinham acompanhado as obras ficaram boquiabertos. Alguns diziam que era milagre. Outros cochichavam que só podia ser bruxaria. Mas ali estava ela: a grande ponte, moderna, ousada, colocando Florianópolis entre as cidades mais avançadas do mundo naquele tempo.

Com o passar dos anos, a ponte virou mais que passagem. Virou símbolo. Inspirou artistas, pintores e poetas. Nas canções do catarinense Luiz Henrique Rosa, eternizadas na voz de Martinho da Vila, ela virou verso e melodia, uma jóia reluzente no coração da cidade. Também brilhou nas telas da televisão, aparecendo em novelas como Como uma Onda e Insensato Coração, levando o nome de Florianópolis para todo o Brasil. E não demorou para a ponte também virar carnaval. Vestida com as cores amarelo, vermelho e branco da Embaixada Copa Lord, ela desfilou na avenida como se fosse um colar de luz atravessando a história da cidade.

Mas o tempo, que também é maré, mudou de rumo.

Sem manutenção e cuidado, aquela grande dama de ferro foi envelhecendo. Um dia fecharam suas passagens. O silêncio tomou conta dela. A ponte que antes era orgulho virou problema. Houve quem defendesse sua demolição. Chamaram-na de elefante branco com gastos exorbitantes. Enquanto isso, muita gente na cidade lutava para sobreviver, vivendo entre dificuldades e abandono.

Foram anos de debates, obras demoradas e muitas críticas. Até que, finalmente, depois de tanto tempo adormecida, a ponte voltou a abrir seus caminhos no ano de 2019.

Foi festa grande.

Balões no céu, pipoca nas ruas, crianças correndo, gente emocionada olhando para aquela velha companheira que voltava a respirar junto com a cidade. Hoje, quando passo de barco por baixo dela, ainda sinto algo difícil de explicar. Vejo gente caminhando, feiras acontecendo, manifestações levantando voz, artistas ocupando aquele espaço.

E quando chega dezembro, a velha dama de ferro se veste de luz. Estrelas brilham, corações se acendem, anjos enfeitam o céu da Ilha. Então eu paro meu barco um instante, olho o reflexo das luzes na água e penso: o mar continua o mesmo, cheio de histórias, mistério e

memória. E a ponte ali, firme sobre as ondas, parece lembrar a todos nós que a cidade, assim como o mar, nunca para de se transformar.